



INTERAÇÕES AGONÍSTICAS EM PREGUIÇA-COMUM, *Bradypus variegatus* (SCHINZ, 1825) EM ÁREA URBANA NA CIDADE DE RIO TINTO – PB.

Elaine Pedrosa – Universidade Federal da Paraíba, Curso de Bacharelado em Ecologia, Rio Tinto, PB.
ecopessoa_ufpb@yahoo.com.br;

Carla Castro – Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Engenharia e Meio Ambiente, Programa de Pós Graduação em Ecologia e Monitoramento Ambiental, Campus IV, Rio Tinto, PB.

INTRODUÇÃO

A preguiça comum (*Bradypus variegatus*) é um mamífero arborícola neotropical pertencente à ordem dos Xenarthros, onde também estão inclusos os tatus e tamanduás. Possui como principal característica morfológica os membros pélvicos mais curtos que os torácicos, com a presença de dedos artelhos com 3 garras longas e curvadas, envolvidos quase totalmente por um tegumento (Loureiro e Monteiro, 1993). A estrutura social da espécie ainda é pouco conhecida, Eisenberg (1981) sugere uma estrutura social não coesiva, mas para Queiroz (1995) é caracterizada por indivíduos solitários. No entanto, prevalece a ideia de que a preguiça -comum não é totalmente solitária, estando os indivíduos sujeitos aos encontros agonísticos (Beebe, 1926; Greene, 1989). As informações sobre interações agonísticas em preguiça-comum ainda são escassas. Sendo assim é notória a necessidade da descrição deste tipo de comportamento para o melhor entendimento do comportamento desta espécie.

OBJETIVOS

Investigar o comportamento agonístico em preguiça-comum em área urbana da cidade de Rio Tinto-PB.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na Praça João Pessoa, localizada no centro de Rio Tinto, Paraíba (0,6°4'23.29"S, 135°04'30.54" W). A Praça João Pessoa é composta por barzinhos, calçadas, igreja matriz e 20 figueiras da espécie *Ficus microcarpa*. As preguiças habitam apenas 8 figueiras com copas conectadas entre si, estando cercadas pelas construções e pavimentações da praça. O trabalho abrangeu o período de abril de 2011 à dezembro de 2012. As observações das preguiças foram realizadas semanalmente nos períodos da manhã (8h às 12h) e tarde (13h às 17h) utilizando o método de todas as ocorrências (Altman, 1974). Foram consideradas interações agonísticas: exibição da garra, tapas e puxões entre os membros. As preguiças foram diferenciadas pelo sexo, baseando-se no dimorfismo sexual apresentado apenas nos machos, representado por uma mancha preta de pelos curtos presentes na região dorsal denominada de especulum.

RESULTADOS

A população de preguiça está formada por 13 machos e 3 fêmeas. As interações agonísticas ocorreram apenas entre pares de adultos do mesmo sexo, machos (N=6) e fêmeas (N=4). Cada conflito durou em média de 120 a 600 segundos ($x = 256 \pm 68$). Os confrontos foram antecedidos por uma postura agressiva, representada pela exibição das garras de um dos membros torácicos. 20% das interações agonísticas resultaram em queda de um dos

indivíduos. O uso das garras se mostrou presente em todos os comportamentos agonísticos.

DISCUSSÃO

Beebe (1926) relatou interações agonísticas em preguiça-comum em ambiente de cativeiro e considerou tal evento casual. Já Greene (1989) descreveu as interações agonísticas entre dois machos de preguiça-comum em uma Estação Biológica na Costa Rica, sugerindo que tal comportamento poderia ter relação com disputa por fêmeas ou por recursos. Para Ballesteros et al. (2009) os encontros agonísticos entre machos estariam associados com a defesa do território. As preguiças que habitam a Praça João Pessoa, estão isoladas por construções urbanas, possuindo seus recursos limitados, estando impossibilitadas de se deslocarem para áreas florestadas. Tais condições podem promover as interações agonísticas conforme sugerido por Greene (1989), sendo pouco provável que tal comportamento esteja relacionado com defesa de território entre os machos, como afirmado por Montgomery e Sunquist (1978) para explicar tais interações, uma vez que há sobreposição nas áreas de vida nas preguiças na Praça. Durante as agressões físicas, há pequenos intervalos entre uma agressão e outra, onde um indivíduo permanece parado olhando fixamente para o outro. O uso das garras nas interações agonísticas, não é uma característica exclusiva de *Bradypus variegatus*, estando também presente em tamanduás da espécie *Myrmecophaga tridactyla* (Shaw et al. 1987). Durante os confrontos, ocorre a emissão de vocalizações de curta duração, emitidas por aquele que está sendo agredido. Para Beebe (1926), a vocalização em preguiças é semelhante a "gritos de socorro" sendo emitidas tanto por adultos quanto por filhotes.

CONCLUSÃO

A qualidade do hábitat parece influenciar na competição por recursos elucidando as interações agonísticas entre as preguiças na Praça João Pessoa. O uso da garra nos conflitos não é exclusivo de *Bradypus variegatus*, sendo comum entre outras espécies de Xenarthros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, J. 1974. Observational study of behavior: Sampling methods. Behavior, Chicago, v.49, n. 3-4, p. 227-267.
- BALLESTEROS, C. J., REYES, K. C., RECERO, J.C. 2008. Populational composition and ethology of *Bradypus variegatus* in fragment of tropical dry forest, Cordoba – Colombia. Rev.MVZ Córdoba 14(3):1812-1819.
- BEEBE, W. 1926. The three-toed sloth. Zoologica, New York, v.7, n.1, p.1– 67.
- EISEMBERG, J.F. 1981. The mammalian radiations. An analysis of trends in evolution, adaptation, and Behavior. Chicago and London: University of Chicago Press, 610 p.
- GREENE, H. W. 1989. Agonistic Behavior by Three-toed Sloths, *Bradypus variegatus*. Biotropica, California, v.21, n.4, p.369 -372.
- LOUREIRO, M.C., MONTEIRO, A.R. 1993. Famílias de mamíferos brasileiros. Viçosa: Ed. UFV. 105p.
- MONTGOMERY, G. G., SUNQUIST, M. E. 1978. Habitat selection and use by two-toed and three-toed sloths. In: Montgomery, G. G. (ed.). The ecology of arboreal folivores. Washington, p. 329-359.
- QUEIROZ, H. L. 1995. Preguiças e Guaribas. Os mamíferos folívoros arborícolas do Mamirauá. CNPQ e Sociedade Civil Mamirauá, Brasília, 176 p.
- SHAW, J. H. MACHADO-NETO, J. CARTER, T. S. Behavior of free-living giant anteaters (*Myrmecophaga tridactyla*). Biotropica. v.19,n.3, p. 255-259,1987.